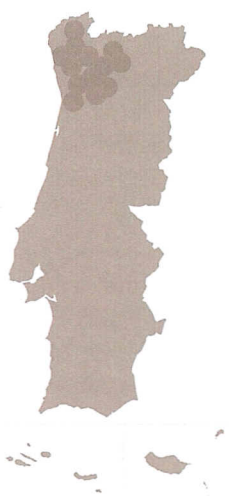
RAÇAS AUTÓCTONES PORTUGUESAS

Raça Barrosã





A raça Barrosã é, reconhecidamente, a mais carismática de todas as raças bovinas do velho continente. Referência para todos os zootecnistas Portugueses, possui características ímpares que a distinguem de todas as demais, nomeadamente a forma e tamanho das armações córneas. A sua origem é atribuída ao ancestral *Bos primigenius mauritanicus*, de tipo côncavo e brevilínio, que teria habitado a região do Norte de África.

Em meados do século XIX, as exportações conhecem um incremento fantástico, e nesta altura eram contabilizadas duas centenas de milhar de animais, que rapidamente passaram a cem mil no início do século XX, não restando, atualmente, mais de sete mil exemplares. Esta enorme regressão era já descrita no Arrolamento Geral de Gados de 1870, por Silvestre Bernardo Lima, que referia a diminuição do efetivo no planalto do Barroso, onde estaria a ser substituído por animais de raça Mirandesa, mais aptos para o arroteamento dos terrenos incultos.

Assim, a raça Barrosã atingiu, no final do século XIX, os 250.000 animais, em 1970 o efetivo tinha regredido para 100.000 animais, sendo que um quarto destes era de machos castrados de trabalho. Em 1977 foi publicado

o regulamento relativo às normas sobre reprodução animal, Livros Genealógicos e contrastes funcionais e em 1981 é iniciado o Registo Zootécnico da raça.

Origem, história e evolução

Motivo pictórico muito utilizado no Antigo Egipto, de animais morfologicamente muito parecidos com os bovinos da raça Barrosã no Norte de África, nomeadamente no vale do rio Nilo. Este animal, com cornos muito desenvolvidos, em forma de lira alta, crê-se descendente do *Bos primigenius opisthonomus* (também referenciado como *Bos primigenius mauritanicus* e *Bos tauros desertorum*), que poderão ter chegado à Península Ibérica trazidos pelos povos africanos que na sua rota migratória se faziam acompanhar de animais domesticados.

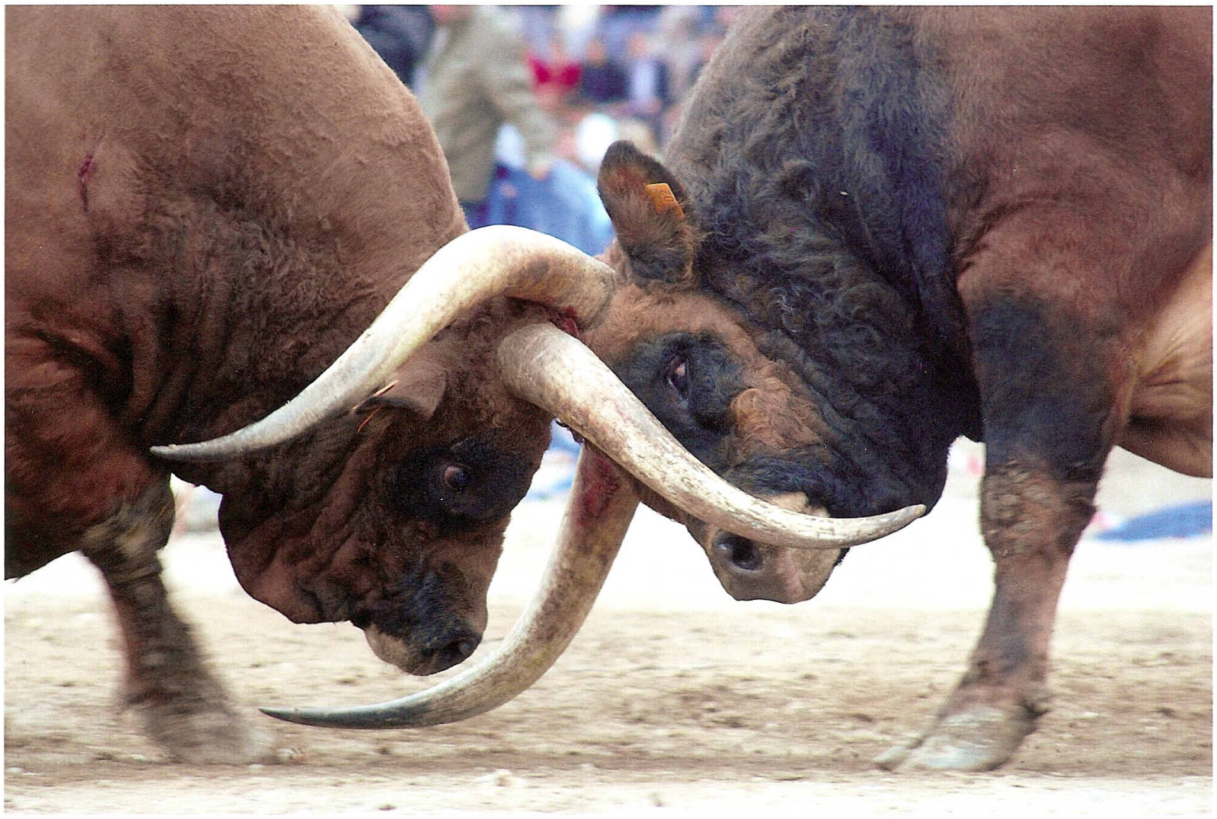
Segundo Garcia *et al.* (1981) a raça Barrosã poderia inserir-se no ancestral tronco mauritânico (*Bos primigenius mauritanicus*), que tinha por características principais "a nuca côncava ou pouco saliente; os olhos muito salientes; os cornos compridos e possantes situados no cimo da cabeça dirigiam-se primeiro para cima e para o lado, recurvando-se para diante, virando as pontas para dentro e para baixo". Com base nestas premissas é legítimo concluir, ou pelo menos supor, que a população de animais atualmente designada por Barrosã, tenha tido origem num dos ramos deste tronco Mauritânico. Estes animais, por razões não totalmente conhecidas, teriam resistido à influência dos troncos Ibérico e Aquitânico, mantendo uma população mais ou menos estável nas zonas planálticas do Barroso.

Os caracteres morfológicos únicos que caracterizam esta raça podem ter sido o motivo da manutenção desta população em elevada pureza étnica nesta região isolada. Como explica Miranda do Vale (1949) "o que deu aos bois Barrosões tão portentosa e descomunal armadura foi a nosso ver a forma tradicional porque, nas serranias montalegrinas se faz a escolha do marel. Apartam-se os reprodutores, assolando, um contra o outro, dois candidatos à função magna da reprodução e aquele que depois de enlaçar as armas com o adversário, consegue recuá-lo, derrubá-lo ou pô-lo em fuga, esse é o touro da freguesia, o padreador das vacas da vezeira, ora esta divertida forma de eleição dá a primazia aos touros de maior ossatura capital, mais potentes musculatura céfalo-cervical, maior força céfalo-cervical, mais força no ângulo társico e, por variação correlativa, determina o grande desenvolvimento dos chifres".

A raça Barrosã até meados do século XIX, viveu um período de enorme expansão, trabalhando e pastoreando os campos da vasta faixa territorial compreendida entre o rio Minho e o rio Douro. Esta fase expansiva foi potenciada pelo elevado valor atingido pelos bois adultos, castrados e cevados, quando, depois de servirem alguns anos trabalhando nas casas dos agricultores Minhotos, eram vendidos no cais do Porto para serem consumidos em Inglaterra sob a honrosa designação "Portuguese beef". O Prof. Eugénio Castro Caldas (1991) descreveu, de maneira sublime "Os ingleses, que em Portugal haviam descoberto o vinho do Porto, o melhor do Mundo, verificam também o espantoso valor da carne dos bois Barrosos. Puseram-se nos portos, com o tilintar das libras a comprá-los. Sobre o Minho correu um caudal de ouro, transformado em cordões e filigranas que compunham o encanto das camponesas. Os bois eram embarcados vivos, e nenhuma libra se perdia em mão de intermediários, porque os donos levavam as juntas pelos caminhos fora até ao mar, onde encontravam a bolsa dos compradores. Se outros negócios havia, era depois nos talhos de Inglaterra".

Em período posterior, revelou-se um rápido declínio do efetivo da raça em toda a sua área de criação. No seu solar, o Barroso, foi a cultura da batata de semente que lhe retirou áreas de pastoreio complementada com a introdução das raças Mirandesa e Maronesa, e respetivos cruzamentos, que quase a fizeram desaparecer, só tendo restado um pequeno núcleo na freguesia de Salto e arredores. No Entre Douro e Minho, principalmente no litoral e no distrito do Porto, os bovinos Barrosões foram sendo progressivamente substituídos por animais de aptidão leiteira. Esta regressão torna-se mais visível e drástica com a mecanização dos trabalhos agrícolas que quase acabou com a criação, castração e ensino de animais para o trabalho nos campos.

Atualmente, a raça Barrosã, ocupa os sopés das serras e as zonas de meia encosta do Minho, sendo incluída na classificação da União Europeia, como raça em vias de extinção, isto é, com menos de 7.500 fêmeas reprodutivas. Foi, no passado, explorada, em diversos locais, para produção de leite, que devido ao alto teor butiroso era transformado em manteiga fabricando-se as tradicionais "bicas". Atualmente, apenas é explorada, de forma rentável, na função creatopoiética, sendo



aproveitado o estrume produzido para incorporação nos campos de cultivo, na produção hortícola e na agricultura biológica.

Área geográfica

A origem da raça Barrosã está associada às terras do Barroso, e no Minho atingiu o seu apogeu e é aqui que hoje se encontra cerca de 80% do total do seu efetivo. Dentro da atual área de dispersão da raça, podem definir-se duas zonas com características orográficas e edafo-climáticas distintas: o Minho – de clima Mediterrânico com influências oceânicas, com invernos suaves, mas chuvosos e verões mais secos, mas frescos; e o Barroso, de clima Mediterrânico de cariz continental, com invernos rigorosos, com frequentes nevões, elevado número de dias de geada e Verões quentes e secos, típicos de uma zona de planalto.

No Alto Minho, Paredes de Coura que, pela sua altitude, é considerada uma zona de planalto, registava na década de 80 do século XX, os melhores exemplares da raça, mais desenvolvidos e melhor conformados que os restantes bovinos desta raça.

Na análise dos vários Arrolamentos Gerais de Gados, verifica-se que entre os anos de 1926 e 1959 e deste ano a 1976 houve uma queda drástica, sucessiva, no efetivo masculino de cerca de 50%. Esta diminuição é também muito significativa de 1976 a 2000. O quase desaparecimento do efetivo masculino representado pelos bois castrados, corresponde à quase total substituição destes pela mecanização. Os trabalhos agrícolas que ainda são feitos nas explorações são realizados por juntas de vacas, rentabilizando melhor estas explorações. Salvo raras exceções, os animais castrados existentes são criados, nos concelhos de Guimarães e Famalicão, para participarem em procissões, romarias, festas, exposições e concursos pecuários. Um outro dado mostra que os touros continuam a ter uma diminuição drástica preferindo-se a inseminação artificial em detrimento dos postos de cobrição natural.

Censos

Atualmente, a raça Barrosã encontra-se dispersa um pouco por todo o país. Do seu solar de origem resta a freguesia de Salto, estando a sua exploração a ser deslocalizada para o Minho. Em 2012, existiam 271 machos reprodutores registados no Livro Genealógico e 6.775 fêmeas ativas em linha pura inscritas no Livro de Adultos, distribuídos por 2.045 criadores.

A tabela seguinte apresenta a evolução do número de fêmeas e machos ativos inscritos no Livro de Adultos e o número de criadores de bovinos desta raça.

	FÊMEAS	MACHOS	CRIADORES
1985	10.354	82	-
1990	7.123	102	-
1995	7.000	340	1.070
2000	6.963	433	-
2010	6.524	268	-
2011	6.524	268	1.952
2012	6.775	271	2.045

Padrão da raça

Aspeto geral: Raça eumétrica, de perfil côncavo e brevilínea, de formas bastante harmoniosas, facilmente reconhecíveis pela sua armação córnea em lira alta, não deixando, no entanto de ter um temperamento muito dócil e um forte instinto maternal. Existe um dimorfismo sexual bastante acentuado, destacando-se nos animais adultos do sexo masculino, o terço anterior mais escuro e nos neutros, ou castrados, a portentosa armação córnea que chega a atingir mais de dois metros de envergadura;

Pele e pelagem: Pele bastante grossa mas macia, formando rugas, principalmente no pescoço. Nos animais adultos, são também aparentes rugas na região suprapalpebral. Pêlos muito curtos e finos, observando-se pelos mais desenvolvidos no pavilhão auricular e na borla da cauda que é escura. As mucosas das aberturas naturais são escuras. Pelagem castanho-claro tendendo para cor de palha ou para o acerejado, sendo esta tonalidade mais frequente no Minho. A zona palpebral, a orla envolvente do focinho, a face interna dos membros e a região mamária são mais claras, nunca atingindo o branco. Por vezes surgem manchas mais escuras na zona infra ou supra orbitária, em indivíduos mais fuscos. Geralmente observam-se pelos escuros no debrum das orelhas, na cutidura e na borla da cauda. As manchas da região facial vão-se tornando, por vezes, mais extensas e carregadas à medida que vai avançando o estado de gestação das vacas. Os vitelos nascem já com a cor que irão ter em adultos se forem fêmeas, pois se forem machos tomam geralmente uma tonalidade mais escura no terço anterior. Os neutros ou castrados apresentam a pelagem mais clara, sem o afuscamento por vezes existente nas vacas e que é regra nos touros;

Cabeça: Curta e larga, encimada por forte cornamenta em lira. Fronte quadrada, deprimida ao centro, com pronunciada saliência da região orbitária. Chanfro direito, arredondado e pouco saliente, boca larga, de lábio superior desenvolvido, focinho negro, largo, um pouco grosso, tendendo para o arrebitado. A orla é mais clara sem atingir o branco. Conjunto ocular saliente. Abertura palpebral e pestanas escuras, por via de regra. As orelhas são de tamanho médio, orladas de pelos quase sempre escuros e providos interiormente de outros compridos. Chifres muito desenvolvidos em comprimento e em espessura, de cor branco-sujo, com pontas escuras. Secção aproximadamente elíptica;

Pescoço: Curto, bem ligado à cabeça e à espádua. Barbela muito desenvolvida, pendente sob a garganta, decota-se na origem do pescoço para depois cair largamente no peito, aproximando-se dos joelhos;

Tronco: Cernelha larga e pouco saliente com o costado bem arqueado e peito largo e descido. A região dorso-lombar é medianamente comprida, larga e horizontal, bem ligada à garupa, com ventre pouco volumoso. A garupa é horizontal, larga e comprida, por vezes mais larga do que comprida, com boa largura isquiática. As nádegas são largas, descidas, sub-convexas, com coxas regularmente largas e musculadas, tendo a cauda inserção média, terminada por regular borla de pelos, por regra escuros;

Membros: Membros de extremidades livres pouco desenvolvidas, bem aprumados, pouco ossudos, terminando por unhas escuras, rijas, pequenas e arredondadas;

Sistema mamário: Úbere de tamanho médio, bem proporcionado e com boa implantação, estando revestido de pelos mais claros espessos e compridos.



Esta raça possui como principais aptidões produtivas a inigualável carne de grande qualidade e a cada vez menos aproveitada capacidade dinamófora.

Sistemas de exploração

A raça Barrosã desempenha um papel de extrema importância na agricultura, nomeadamente na agricultura de montanha e não só, pois é com ela que os agricultores conseguem trabalhar a suas pequeníssimas leiras, obter estrume para adubação e valorizar os parcos recursos duma agricultura de subsistência, que só tem sentido pela defesa de um património autóctone e cultural em zonas geralmente de grande pobreza e isolamento. Podem considerar-se duas zonas completamente distintas e com diferentes sistemas de exploração:

O Minho – com pequenos produtores de idade avançada e pouca instrução; explorações de área diminuta (3 a 5 ha) e dispersa; efetivos reduzidos (2 a 3 cabeças por exploração) em que os animais são estabulados em cortes tradicionais, recorrendo a um posto de cobrição para toda a freguesia ou inseminando artificialmente;

O Barroso (Montalegre e Boticas) – com produtores de média dimensão e presença de alguns jovens agricultores; as explorações são de tamanho considerável (mais de 5 ha), mas bastante dispersas; efetivos médios (cerca de 6,5 cabeças) utilizando touro próprio para beneficiação exclusiva.

O encabeçamento no sistema de exploração do Minho é de 2 a 3 animais adultos, enquanto no Barroso é de 6,5 animais.

A primeira cobrição ocorre entre os 15 e os 18 meses de idade, ainda que haja produtores que de uma forma

algo precoce, iniciam o ciclo reprodutivo das suas fêmeas com menos de 15 meses. O primeiro parto situa-se entre os 24 e os 36 meses. A duração média do intervalo entre partos é de 12 a 15 meses, valores normais para o objetivo principal da exploração da raça, a produção de carne, e também aceitáveis atendendo às condições desfavoráveis do meio típico desta raça. Os partos são distribuídos ao longo do ano, não havendo sazonalidade dos partos. A idade ao desmame é entre os 6 e os 7 meses de idade, quer seja para recria, quer seja para abate.

Características produtivas e reprodutivas

A raça Barrosã era uma raça conhecida pela sua dupla função trabalho e carne, mas recentemente tem privilegiado a função carne pelo reconhecimento como Denominação de Origem Protegida da Carne Barrosã obtida a partir de animais da raça inscritos no Registo Zootécnico ou no Livro Genealógico.

A caracterização genética por análise demográfica desta raça (Carolino, 2010) revelou que a estrutura etária do efetivo reprodutor da raça Barrosã se pode considerar equilibrada, com uma idade média próxima dos 8,5 anos nas fêmeas e dos 5,5 anos nos machos. Realça-se também a elevada longevidade produtiva desta raça e a capacidade de um número elevado de fêmeas (cerca de 40%) de continuar em produção para além dos 10 anos de idade. Contrariamente, no caso dos machos, são poucos os que se mantêm em atividade reprodutiva para além dos 8 anos de idade.

Por norma as vacas têm um parto/ano, sendo, ainda de referir que muitos destes animais são explorados em reprodução até idades que ultrapassam os 20 anos, aumentando assim o intervalo entre partos. Não se verifica sazonalidade de partos, sendo a idade da primeira cobrição entre os 16 e os 18 meses de idade.

O peso médio ao nascimento é de 26,6 kg, tendo esta raça uma grande facilidade de parto, sendo raríssimo a ocorrência de partos distócicos. A idade normal de abate é entre os 6 e os 8 meses, pesando em média 184 kg de peso vivo para os machos e 169 kg para as fêmeas, com pesos de carcaça que rondam os 94 kg e os 85 kg respetivamente, sendo estes dados obtidos aos 207 dias para os machos e aos 211 dias para as fêmeas.

Os rendimentos de carcaça, melhores nos machos, são baixos porque os animais são abatidos muito jovens.

Os touros entram em reprodução aos 18 meses de idade, no entanto nos touros testados é feita a colheita de sémen a partir dos 16 meses de idade. Estes touros normalmente seguem para os postos de cobrição natural que ultrapassam nesta raça o número de 260, o que justifica também o epíteto de raça com maior variabilidade genética da Península.

Os resultados da Avaliação Genética, realizada no ano 2010, em que foram utilizados 69.385 registos de intervalos entre partos, 16.777 de pesos de carcaça e uma matriz de parentescos com 145.106 indivíduos, com o objetivo de estimar os parâmetros genéticos e proceder à avaliação genética destas duas características de grande importância para a raça, revelaram um intervalo entre partos, com um valor médio de 444,7 (±108,8) dias, com uma heritabilidade estimada de 0.09 (±0.008) e um efeito ambiental permanente de 0.02 (±0.008). Relativamente ao peso da carcaça, com um valor médio de 92,69 (±15,80) kg, apresentou uma heritabilidade de 0.35 (±0.048) para efeitos diretos e de 0.19 (±0.030) para os efeitos maternos, registando-se uma correlação genética negativa de -0.29 (±0.010) entre estes dois componentes. Estes resultados demonstraram que o melhoramento genético por seleção da raça bovina Barrosã, constitui uma metodologia que poderá ser considerada eficaz.

Desenvolvimento, melhoramento e perspetivas futuras

As inscrições no livro de nascimentos e de adultos, respetivamente, os controlos de *performance* em estação e exploração, os exames de paternidade por análise de ADN, a caracterização genética por análise demográfica e de ADN, a conservação *ex-situ*, a inseminação artificial, a informação da carcaça e qualidade da carne, a promoção da raça e a avaliação genética, constituem procedimentos necessários ao esquema de seleção da raça Barrosã disponibilizando elementos essenciais à escolha de futuros reprodutores. ■